

SOCIEDADE

Hoje

Primeiro encontro dos representantes dos Bombeiros dos PALOP. Em Sintra

ESTUDO ■▶ Questões sobre pílula do dia seguinte e doenças sexualmente transmissíveis correntes são aquelas em que operadores menos sabem responder ■▶ Apenas 40% das informações são certas

Linhas de apoio à sexualidade dão 20% de respostas erradas

■ Ivete Carneiro

Ligar para uma linha telefónica de apoio à sexualidade em Portugal pode ser um autêntico jogo de azar: depois de acertar num número que esteja efectivamente atribuído e no seu horário de funcionamento, tem-se 39% de hipóteses de não ficar esclarecido e, pior ainda, de ser incorrectamente informado em 20% dos casos. Erros que podem estar na origem de gravidezes indesejadas – e consequentes recursos ao aborto clandestino – e de infeções por VIH não despistadas e, portanto, transmissíveis.

O estudo “Apoio Sexual em Linha” – da autoria de Ana Catarina Castro, Bárbara Campos, Filipa Vieira e Joana Almeida, da Faculdade de Medicina de Lisboa – procurou averiguar a qualidade do atendimento e da informação transmitida pelas linhas telefónicas na área da sexualidade. Uma investigação que abordou temas da contraceção, de emergência ou não, às doenças sexualmente transmissíveis e incluiu a realização de perto de duas centenas de chamadas.

A primeira questão que se levanta é a do caos: fazendo uma busca na Internet e nas listas telefónicas, contam-se 27 linhas dedicadas à sexualidade. Segue-se a constatação de que seis dos números não estão atribuídos. E que em dois dos 21 restantes ninguém atende. Coloca-se depois o problema do horário de atendimento. “Os dias com maior número de linhas são a quarta e a sexta-feira”, sendo que ao sábado apenas funcionam quatro e ao domingo duas, uma delas exclusivamente mecânica e “incapaz de responder” às questões colocadas pelas autoras do estudo. A mesma que, aliás, fica sozinha a funcionar em período nocturno.

Horários incompletos

“Não será aos fins-de-semana que surgirão mais dúvidas, necessidades de informação e de apoio? Não será de noite que as situações de dúvida e de angústia relacionadas com a sexualidade surgem?”, questionam as autoras do estudo, apontando para o facto de o domingo ser mais provavelmente o “day after”, precisamente um dia em que “é muito difícil chegar a um médico”. Duarte Vilar, director da As-

Apoio sexual em linha

Estudo sobre 27 linhas telefónicas. Seis já não funcionam e duas nunca atenderam



Utentes consideraram-se

● Correctamente informados

● Mal informados

● Não esclarecidos

“ Há cerca de um mês tive relações sexuais sem protecção, fui fazer o teste da sida, o resultado deu negativo, será que posso estar descansada? Devo repetir o teste? ”



“ Fui ao Centro de Saúde da Parede, há três dias, porque estava com um corrimento vaginal amarelo. A médica disse-me que tinha Trichomonas. Já comecei a fazer o tratamento. O meu namorado não se queixa de nada... Será que ele também tem de fazer medicação? ”



“ Tenho uma dúvida... estive com o meu namorado anteontem à noite e não usamos preservativo... Será que posso tomar a pílula do dia seguinte? ”



“ Estive com o meu namorado e não usamos preservativo... mas tinha-me aparecido o período nesse dia. Posso ficar grávida? É que os meus períodos não são muito certos... ”



Quem liga acredita que fala com técnicos especializados

■ A inibição própria do tema sexualidade é a grande justificação para a existência de linhas de apoio. “Podem contribuir muito positivamente para que as pessoas minimizem as ansiedades”, explica o sexólogo Francisco Allen Gomes. Já para Duarte Vilar, da APF, estas linhas são também fundamentais por serem um meio de “acesso rápido e fácil a respostas a questões concretas”, embora não se devam substituir a outras fontes de informação. Elisabete Ferreira, psicóloga e docente de Educação Sexual, soma-lhe a “aflicção” com que normalmente se recorre a estes serviços, nos quais o adolescente vai acreditar “como num médico ou num enfermeiro”. Daí a importância da qualidade das respostas. Porque o jo-

vem “vai desligar o telefone pensando que falou com uma pessoa especializada”. Duarte Vilar garante a formação específica e continuada de todos os técnicos do número de apoio (Sexualidade em Linha) de que a sua associação é responsável, mas admite que “há serviços cujos técnicos não têm preparação”, até por questões ideológicas. Surge então a questão dos critérios para a abertura de uma linha. “Não há”, diz Mário Cordeiro, que já fez parte da Direcção-Geral da Saúde. Como não há quem coordene as que existem, nem nada que impeça quem quer que seja de criar uma. “Por que não definir um número único, que depois direccionasse as chamadas para um atendimento especializado”, sugere o médico.

sociação Portuguesa de Planeamento Familiar (APF, responsável pela linha de apoio “Sexualidade em Linha”, em conjunto com o Instituto da Juventude) rebate esta dúvida. “A nossa experiência diz-nos que o fim-de-semana não é a pior altura. Há uma diminuição muito grande das chamadas, até pelo facto de os adolescentes estarem em casa com as famílias. E há muita probabilidade de só reagirem à segunda-feira”, esclarece o sociólogo, garantindo que, se se verificasse o contrário, haveria certamente atendimento disponível ao domingo.

Mas mais importante do que o horário é a validade científica das respostas obtidas. E se as dúvidas relativas à temática da sida são as que parecem ficar melhor esclarecidas, as que dizem respeito à gravidez indesejada recebem respostas que deixam muito a desejar (ver gráfico). Em 39 chamadas com uma dúvida quanto à pílula do dia seguinte, só 12 foram correctamente encaminhadas com resposta certa e direccionamento para consulta médica e/ou de pla-

neamento familiar. Nove receberam respostas erradas, dez ouviram o interlocutor admitir que não sabia responder e oito nem chegaram a ser atendidas. Quando a pergunta versou sobre uma doença sexualmente transmissível corrente como a tricomoníase, apenas um quinto das respostas foram correctas.

Mário Cordeiro, pediatra e docente de Saúde Pública coordenador deste estudo, realça o facto de não se ter pretendido fazer uma análise comparativa das linhas existentes e admite a mais-valia deste tipo de serviço. O problema é que “o utente normal não sabe qual é a linha da APF ou de outra entidade credível. E a probabilidade de não ser esclarecido correctamente é de 60%”. O facto de parte destes casos serem encaminhados para outras linhas ou aconselhamento médico diminui efeitos nefastos, o que leva o docente a sugerir que se continue a telefonar e a tentar sempre uma segunda opinião. “Se as pessoas deixassem de telefonar, o risco de fazerem asneiras seria enorme”.